

# As Nuvens Não São Mais De Algodão

Manuela Correia



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Prefácio

---

Creio ser da essência do Homem o ancestral reconhecimento da sua impotência perante o infinito. O Poeta deixa-se imbuir duplamente desse sentimento, mas encontra sempre maneira de, como Prometeu, roubar algumas sementes de fogo à divindade.

Manuela Correia dá bem conta, nos seus poemas, dessa humana incapacidade (...as minhas asas caíram numa alameda de lodo), mas essa confissão de humildade não deixa de pressupor as asas com que os poetas demandam as nuvens e os reinos próximos dos deuses.

Com elas (e um pássaro a habitar-me) planou lá no alto e trouxe-nos, a nós que rentamos mais vezes pelo lodo, quadros e momentos da vida, do transitório e do contraditório. Deixou-se arrastar pelo vento da memória, com incursões à infância, detendo-se por vezes em miradouros donde presencia, comovida, o corpo de terra em que moramos.

Mas as suas travessias de pássaro teriam fatalmente de privilegiar o país do amor, lá onde se verificam estranhas coabitações: o medo do amanhã, o ciúme do passado e o travo amargo do presente; a amizade na ausência (a distância arde), as imprudências de Verão, os laços com alguém com poderes e saberes especiais, a procura, o encontro, a paixão e também o desencanto.

É ao cantar o corpo (por vezes em letargo, por vezes em lume, outras em falência) que o pássaro se esmera. Valerá bem a pena determo-nos sobretudo em alguns desses poemas por onde perpassa um delicado erotismo, como em: Na pose mais angular resvalam longas gotas de lume ou de luar.

Ainda que se apercebam, nesta obra de Manuela Correia, algumas saborosas ressonâncias e cadências de David Mourão-Ferreira (reconhece ela que a sua influência terá sido a mais duradoura de todas as suas leituras), são estes temas servidos por uma linguagem mesmo assim surpreendentemente sugestiva e original, que suscitará o prazer estético da leitura, acompanhada que vem de outras virtudes: equilíbrio, simetria, sentido rítmico, domínio e propriedade da metáfora.

É o primeiro canto do pássaro. Mas seguro e maturo. E com futuro. Por isso, nos ocorrem, ao encerrar este convite à leitura de *As Nuvens Não São Mais de Algodão*, os seguintes versos da autora:

*E que secreto murmúrio  
Ao redor de uma crisálida*

*Á espera de ser futuro*

Antero Monteiro

## Meu Amor

---

Meu amor não digas mais  
deixa ainda uma palavra  
suspensa nos beirais  
Doce rosa brava  
que nos encandeia mais

Meu amor canta baixinho  
só com música de fundo  
Mexemo-nos de mansinho  
não vá acordar o mundo  
e estremecer nosso ninho

Meu amor amemos tudo  
em silêncio e em segredo  
nesta hora de veludo  
Porque amanhã tenho medo  
que nasça nada e morra tudo

# Ausência

---

Meus olhos rasos  
da tua ausência  
vão-se fechando  
secretamente

Tombam os astros  
morrem as rosas  
Caem as noites  
outrora auroras

Arcos de sombra  
pintam o espaço  
Dedos de vento  
quebram estátuas

Tocam os sinos  
em letargia  
Choram os rios  
densos de bruma

E o meu sono  
finge que dorme  
Na tua ausência  
tudo se entorna

# Perdida

---

Perdi-me  
Balanço  
como um vime  
sem descanso  
Ele nos fios  
do vento  
eu nos rios  
do pensamento  
Em ruas fartas  
de enseadas  
como cartas  
baralhadas  
E fluímos  
nós em voltas  
como limos  
em marés soltas  
Mas o vento  
agora amua  
O meu pensamento  
continua  
Volta o vime  
ao seu ponto  
(viagem finda)

Eu perdi-me  
e não me encontro  
(ainda)

## Quadro

---

Exactamente como se fora hoje  
quadro acabado de pintar  
Eu criança no colo do gato  
e o laço do cabelo a deslizar  
Os pessegueiros em flor a vigiarem-me  
as galinhas a arar o quintal  
as videiras a chorar não sei porquê  
e eu a fingir de fada tal e qual  
Uma túnica cor de rosa até aos pés  
uma varinha com uma estrela de retrós  
a porta do mistério entreaberta  
e uma réstia de sol no algeroz



# Viagem

---

Toda esta viagem de palavras  
sei que começou faz muito tempo  
Porém é lacuna a data exacta  
por mais que revolva o pensamento  
Mas lembro sem dúvida o lugar  
e os verdes tão dispersos e em ordem  
E dentro da dúvida do tempo  
habita a certeza de eu ser jovem

Lembro que foi à tarde a explosão  
quando ao fixar o céu decifrei  
- As nuvens não são mais de algodão

Depois a quietude e a inquietação  
em mistura sempre irregular  
Apesar da vida ser um gráfico  
eu tinha o estigma de sonhar  
E se havia a terra a inebriar-me  
para lá dos frutos e raízes  
quanto mar também me seduzia  
entre as ondas tristes ou felizes

Foi no fundo essa constatação  
o desenlace E a luz no segredo  
- As nuvens não são mais de algodão

E lembro as colinas das quimeras  
queimando e esfriando como o gelo  
E um silêncio raro à espera  
do grito que vinha desprendê-lo  
E também o amor meu deu motivos  
para tantas tantas incursões  
Porque tinha a alma alguns outonos  
e o corpo tinha tantos verões

Foi sem dúvida essa inscrição  
no azul do céu ou do meu vislumbre  
- As nuvens não são mais de algodão

Depois um ópio de bruma ou astro  
foi alastrando nos meus sentidos

Fui descobrindo novos caminhos  
lúcidos uns e outros confundidos  
Por entre a dúvida da certeza  
dessa data exacta da viragem  
Há só a certeza desta dúvida  
há-de ter que fim esta viagem

## Quando

---

Quando desfilo frases  
depois de nos somarmos  
há restos de beijos  
nos acentos  
um odor a maturação  
nos parágrafos  
E num preâmbulo  
suspenso mas latente  
as ruas do teu corpo  
em movimento

## Asas

---

A par do silêncio  
há asas enormes  
no voo do teu corpo  
enquanto dormes  
As tuas asas  
cruzam o meu sono  
Bifurcação de luas  
no Outono

## Acontece...

---

Como os laços  
que julgamos infinitos  
irremediavelmente se desfazem  
De repente um corpo  
que deu corpo a um todo  
é só miragem  
Há ainda penas  
do pássaro que emigrou  
na curva da tarde  
mas no lago do dia  
menos um reflexo  
e a distância arde  
De nada vale  
apertar os dedos  
para reter a ausência  
Já aconteceu  
o tempo não se comove  
e vai esgarçando a existência



## Quem Foste

---

Diz-me quem foste  
antes de seres  
quem és agora  
Quando nasceste  
em que terraço  
viste a aurora  
O que ainda guardas  
da tua infância  
em que gaveta  
Como saltaste  
prá adolescência  
em curva ou recta  
Por quantos gritos  
foste invadido  
ao fim da tarde  
Em que pomar  
colheste o fruto  
que era de carne  
Em qual insónia  
gravaste o sonho  
que te assaltava  
e em que noites  
os teus silêncios  
foram de lava  
Qual era a trova  
de harpa ou guitarra  
que te embalava  
e no teu copo  
havia uísque  
ou limonada  
E o que havia  
a prolongar-te  
pra lá do eco  
Quarenta raivas  
oitenta rugas



quantas ao certo  
ou eram ninfas  
tuas amantes  
de negro ou branco  
ou era apenas  
só tua alma  
em riso ou pranto  
Em que solstício  
mais te perdias  
ou encontravas  
sobre que areia  
de praia ou bosque  
tuas passadas  
De que motivos  
pintaste as ruas  
feitas de vento  
e com que asas  
ilimitaste  
o pensamento  
De que passado  
é que irrompeste  
p'la noite fora  
Diz-me quem foste  
antes de seres  
quem és agora



## Desmentido

---

Galgaste já todas as sebes  
p'lo tempo dentro feito louco  
Agora sei que me persegues  
mas não me importo nem um pouco

Nada sobrou desse imprudente  
Verão entre loucura fluída  
É já Outono e ele desmente  
o teu lugar na minha vida





## A Memória

---

Há ruas feitas de espuma  
nos estendais da memória  
numa sacada de vento  
uma lua transitória  
Mas a memória viaja  
ainda que emigre a lua  
rola por dentro do vento  
na espuma emerge e flutua  
Como uma jangada ébria  
numa corrente convulsa  
Mas de repente é uma nuvem  
que a fímbria de um grito expulsa  
Ou então um labirinto  
represado num planalto  
E chega a ser uma esfera  
de sargaço ou de basalto  
E depois é já uma torre  
feita de meses e anos  
de dias e vitrais foscos  
e degraus de desenganos  
Mas às vezes é um templo  
de imagens que vão rodando  
Ou um pórtico a nascente  
do tempo que vai passando



## Quem Sabe

---

Quem sabe se mãos serenas  
não nos secarão o pranto  
E se profundas gargantas  
não nos darão novo canto

Quem sabe se aos nossos olhos  
não nasce um sol inaudito  
E se a nossa condição  
não terá a cor do infinito

Quem sabe um tempo impoluto  
não nos calará a sede  
E o salto pra esse tempo  
não será feito com rede

Quem sabe não nos espera  
uma nova identidade  
E tudo não se conjuga  
numa outra Eternidade



## Foi Deus?

---

Quem deu à tua voz esse direito  
de transladar o que me vai no peito

E quem te conferiu essa ousadia  
de alongares na minha alma a poesia

Quem pôs nas tuas mãos esse papel  
de servir de baíinha à minha pele

Quem te fez portador desse condão  
de seres de mim mesma guardião

Quem te dotou dessa sabedoria  
foi talvez um Deus que me conhecia

## Repouso

---

No limiar dos teus olhos  
água doce  
onde repousam  
as minhas travessias  
de pássaro

## Apetecia-me Hoje

---

Apetecia-me hoje  
a ternura de um nome  
Um verso em vez da sede  
um barco em vez da fome

Um sol mesmo de Inverno  
uma estância vazia  
Um pássaro a habitar-me  
em vez da letargia

O vulto de uma árvore  
a cadência de um passo  
Uma rosa de orvalho  
um ombro em vez de um braço

A brisa nos joelhos  
um rasto a despertar  
Areia em vez de muros  
dentro de casa o mar



## Sem Palavras

---

Não não digas nada  
agora que se aproxima o Outono  
Deixemos apenas falar os frutos  
e a pauta de Setembro

Vamos pintar um quadro  
a néon e a luar  
que grave esta estância

Lá fora há uma taça de Lua  
à nossa espera

## Corpo e Alma

---

Teu corpo foi a sombra que eu buscava  
quando o sol do meio dia me aturdia

Tua alma foi a luz que eu procurava  
quando à noite nem um círio se acendia

Teu corpo foi a harpa que eu sondava  
pra meu corpo roseira melindrosa

Tua alma foi a trova que eu sonhava  
pra minha alma cinzenta e cor de rosa

## Anos e Oceanos

---

De longos rios nascem oceanos  
de margens sombrias e solares

De longos meses crescem muitos anos  
de dias triviais e alguns ímpares

Do que vai sobrando dos anos e oceanos  
há o corpo de terra em que moramos

E será que remamos ou rumamos  
a braços ou de bruços com os anos  
em gestos ou em gritos com a terra  
de costas ou perfil para os oceanos



## Mistério

---

Era um céu todo suspenso  
era um sol tão de incenso  
eram rosas tão bordadas  
Era uma maré sem ondas  
galerias tão redondas  
eram asas tão nevadas  
Era um silêncio tão virgem  
um zimbório sem vertigem  
uma alameda tão gázea  
Era um canto sem sufoco  
um simulacro barroco  
uma lua tão amásia  
Era um verso iluminado  
era um templo tão velado  
um perfume tão etéreo  
Mas tudo era tão real  
Quem pintou o original  
e indubitável mistério

## Asas Caídas

---

De que vale ao longe a torre  
se as minhas asas caíram  
numa alameda de lodo  
Onde o sol só vem de noite  
cheio de sono e neblina  
derramar uma luz roxa  
E as madrugadas revelam  
a cinza de uma quimera  
o choro de um violoncelo  
Tão perto um rio se esconde  
tão longe a sombra projecta  
os ramos de nenhum tronco  
E que secreto murmúrio  
ao redor de uma crisálida  
à espera de ser futuro  
Rouco canto das cigarras  
a pendurar-se nos muros  
a baloiçar nas arcadas  
Franjas de vento ressurgem  
de cotovelos de estátuas  
de joelhos de colunas  
todas vestidas de barro  
saem do verde das pedras  
para lá do simulacro  
Que lasso desponta um cedro  
E que cedo que anoitece  
nas muralhas de um castelo  
Como os dias se desenham  
num retrato fugidio  
de líquidas horas prenhes  
E de onde se avista a torre  
as minhas asas caídas  
num chão de luto ou de lodo



## Fluido

---

Flui em ti  
o cheiro que conheço  
Todo integral  
entre o ventre e o pescoço  
No cheiro flutuo  
no torso adormeço

# Simulacro

---

Lembram-me às vezes teus olhos  
o simulacro de um lustre  
Por dentro todo surdina  
por fora todo lacustre  
Nos lados um sibilino  
reflexo todo candente  
No centro todo um segredo  
que segrega a luz nascente

## De Novo

---

No teu corpo de novo  
uma canção de lua  
uma dança de fogo  
Distendes e contorces  
o torso a nuca as ancas  
num ritual de poses  
Na pose mais angular  
resvalam longas gotas  
de lume ou de luar



## Rosas

---

Conheces a rosa  
na roda ou na ronda  
do toque ou da rima  
na polpa dos dedos  
Conheces a rosa  
na sombra ou na réstia  
da ruga ou do riso  
na linha do rosto  
Conheces a rosa  
rosácea ou retinta  
suspensa ou surpresa  
na orla do corpo  
Conheces a rosa  
ou roxa ou cerácea  
no rasto ou no rasgo  
da insónia ou do espasmo  
O resto o resto  
é um roseiral interior  
que não conheces

# Agora

---

Já te quis tronco  
barco sombra  
porto lago  
incenso pássaro

Quero-te agora  
fruto trova  
rio mosto  
grito corpo

sofregamente  
ante meu ventre

## Dizer(es)

---

Digo da tua voz rebentação  
quando afinal queria dizer cadência  
E que dizer das palavras em surdina  
canto ternura essência

Digo do teu silêncio ausência  
quando queria dizer apenas pausa  
E que dizer do som que tem por dentro  
rima seda pasmo

Digo do teu sorriso alado  
quando queria dizer fluorescente  
E que dizer da polpa dos teus lábios  
flor mosto nascente

Digo dos teus olhos aguarela  
quando queria dizer profundos poços  
E que dizer da pálpebra que se cerra  
sono elipse esboço

E digo do teu vulto verde  
quando afinal queria dizer incenso  
E que dizer do teu corpo sem ser  
tronco porto templo  
COMO SE

Como se em volta a luz quase acabasse  
Como se um degrau fosse breve impasse  
Como se já não fosse primavera  
Como que o ar de um poço à minha espera

Como se a sombra tecesse um disfarce  
Como que uma flor prestes a quebrar-se  
Como se o tempo estivesse de borco  
Como se alguém transladasse o meu corpo





Como se ao longe um bailado de bruma  
Como se ao perto uma orquestra de espuma  
Como se eu flutuasse numa nave

Como se alguém estivesse a dar-me a mão  
Como se dormente o meu coração  
Como se rangesse a última chave

## Era Talvez Amor

---

Era talvez amor  
quase uma flor de julho  
Contudo era desejo  
no instinto sem rima

Havia o tom de agosto  
e a ária de setembro  
As bocas em silêncio  
mas os olhos falavam

Mas foi em vez da flor  
a semente do medo  
quem mais alto cresceu  
desmentindo os sentidos

E do que seria amor  
no fundo só ficou  
trémulo desencanto  
numa ruga de outubro



## Digo Versos

---

Digo luto das aves que emigraram  
do efeito do vento digo causa  
digo néon das arcadas do céu  
Digo verso da pose de uma pausa

Digo cerne de um canto que resiste  
digo cedro da sombra que se cerra  
digo água de um corpo que se evola  
Digo verso da paz que vem da guerra

Digo roxo do verde que se ausenta  
do silêncio que range digo pedra  
digo pranto do riso que demora  
Digo verso da onda que se quebra

Digo golpe da luz que fere os olhos  
da treva que se avulta digo gume  
digo presídio do átrio de um posto  
Digo verso do tempo sobre o lume



## (Com) Sequência

---

A luz recortada  
no rasto da chuva  
Antes dos teus dedos  
o feltro da luva

A rosa tardia  
no muro mordido  
Antes dos teus olhos  
as lentes de vidro

O som da sonata  
a emergir do barro  
Antes dos teus lábios  
a cor do cigarro

O hálito do dia  
em pausa estendido  
Antes do teu vulto  
a capa do livro

O pino do sol  
no ar dos ciprestes  
Antes do teu corpo  
a sombra das vestes

O veio do verso  
suspenso num canto  
Antes da nudez  
o espasmo e o espanto

O tempo e o toque  
em linha de jogo  
Antes do esperma  
o arco de fogo



## Instantâneo De Mim

---

Na minha sombra rumorosas águas  
nos meus ombros uma sebe quebrada  
sobre o meu peito uma rosa de cinza  
sobre o meu rasto uma cruz levantada

Nos meus dedos o verso mais ambíguo  
na minha boca o travo mais silvestre  
os meus olhos para além do mar azul  
o meu nome no tronco de um cipreste

## Estado

---

Meu corpo vulto  
de asas quebradas  
Sombra de rio  
de águas paradas

Grito perdido  
tronco tombado  
Meu corpo porto  
abandonado

Meu corpo hirto  
num cais de vento  
Caiu na áspera  
casca do tempo

Disposto em cruz  
feito de ausência  
Meu corpo absorto  
abriu falência



## Elegia de Outono

---

Era o Outono vago e distraído  
sentado rente à tarde sobre a espera  
com filamentos na fisionomia  
de uma nostalgia solta e severa  
Era depois da bruma um palácio  
na linha horizontal do imaginário  
Mas a luz se existia não descia  
ao fundo do terraço solitário  
Era no ar um rasto de saudade  
rangendo sobre a cor de um malmequer  
Era na sombra um riso de criança  
era no vento um rosto de mulher  
Era no muro além da lama o lodo  
era no chão além da pedra a areia  
Era no lago além da folha o fruto  
era no tempo além do tecto a teia  
Eram na rua passos arrastados  
era no rio um choro de queixume  
Eram no céu uns olhos fugidios  
era na cinza a presença do lume  
Era nas casas um risco de fumo  
uma pausa no prado do abandono  
Era na tarde uma sebe de barro  
No infinito a elegia de Outono



## Canção Contraditória

---

Como dizer que não me perco  
nesta canção contraditória  
Se tão depressa avisto a praia  
se num segundo é só memória  
Se vejo as rochas prolongadas  
entre uma água que cintila  
que agora são de pedra firme  
mas que depois são só de argila  
Que tão depressa me convocam  
como de seguida me esquecem  
Como as ondas que me exaltam  
e já a seguir não acontecem  
E como o brilho de uma faca  
tão de repente lembra a estrela  
que ora consegue reprender-me  
que ora consigo removê-la  
E de repente existe um espelho  
a estremecer de transparente  
Que tão devagar me conhece  
que tão depressa me desmente  
E num instante é a cidade  
que num segundo me despede  
É outra agora a capital  
a minha sombra não tem sede  
Mesmo que se unam as arcadas  
e se misture o som das liras  
o que aparenta ser verdade  
é lá no fundo só mentiras  
Do outro lado um horizonte  
a sustentar a cor da prata  
que tão depressa se aproxima  
e mais depressa ainda me escapa  
E sobre a linha deste jogo  
há um corrimão sempre a subir  
E a luz de um grito que me agarra  
pra me soltar logo a seguir





E é agora o galope do vento  
a querer levar-me os segredos  
ora a expiar-me todo o sangue  
ora a escorrer-me sobre os dedos  
E com que corpo é que ficamos  
para chegar a outras margens  
se este caminho que nos acha  
já se perdeu noutras viagens  
E o que nos sobra é só o céu  
e o que nos fica é só a terra  
E se era simples a batalha  
porque perdemos nós a guerra  
E nós vivemos a aventura  
do sopro débil ao mais forte  
que nos declara só a vida  
mas tem-nos prometida a morte  
E de nós nada ficará  
depois da cinza e da memória  
Como dizer que me encontrei  
nesta canção contraditória



## Forma De Fome

---

Sobre os anos vividos num planalto  
tomba um sarro secreto na lembrança  
Entre a forma da casca mais cerrada  
a fome de voltar a ser criança

Sob o véu desta luz aquela sombra  
abrindo apenas nevoeiro a pique  
Mas que do sarro e do nevoeiro ao menos  
a fome transitória ainda me fique



## Entre As Lembranças

---

Lembro um encontro escrito rente às ondas  
A cidade dormindo como um vulto  
o ocre da falésia azul morena  
o farol acordado como um lustre

Lembro um poema escrito só nos olhos  
um abraço maior que o pensamento  
A túnica da lua bailarina  
o vestido do tempo de Setembro

E lembro o céu como um véu de algodão  
e lembro o mar como um ventre de espuma  
E lembro mais que tudo os nossos corpos  
descerrarem segredos e ternura



## Circunstâncias

---

Sobre este tempo acorrentado  
tombam auroras e baladas  
Mas entre as sombras lá no fundo  
trazem chicotes e navalhas  
A transladação das palavras  
leva-a o vento quando sopra  
como uma pena resgatada  
à solidão que não tem boca  
Entre as paredes da memória  
rebetam ondas de neblina  
como uma torre só de bruma  
sobre um restolho só de cinza  
E chove a pique nas arcadas  
que acobertavam o passado  
E nenhum rasgo de futuro  
tira ao presente o travo amargo  
E de nada vale haver vigília  
ou mesmo insónia declarada  
Se o grito em espuma se volveu  
e adquiriu a cor do nada



## Rente À Noite

---

Há uma surdina de pó  
no cansaço das horas  
Um bailado de sombras  
trepidante nas rosas  
Na tarde mais que tarde  
quase noite rasgada  
ouve-se ao longe o rasto  
do som de uma navalha  
que atravessa o poema  
que no céu estava escrito  
E quebra a litania  
de um verbo indefinido  
Na espessura do ar  
há o espaço de um buraco  
onde se solta a bruma  
de um pranto inconvocato  
Que é das noites mais claras  
que iluminavam palcos  
E os sentidos fluíam  
nos cenários mais altos  
E a luz se demorava  
por dentro das paredes  
E o tempo dava à luz  
um sorriso de sedas  
Não se erguiam ruínas  
no poente das horas  
Não se cerravam sombras  
nos capítulos das rosas  
O silêncio era música  
o céu espelho redondo  
as palavras metáforas  
a espera reencontro  
Mas esta noite é roxa  
traz um ópio nas veias  
ostenta barricadas  
e suprime as clareiras



A brisa traz consigo  
as ondas mais concêntricas  
de um fumo sibilino  
de miragens e ausências  
E a noite não tem rosto  
só braços insensíveis  
E o tempo é um corpo austero  
de longas cicatrizes



## Tempo Tempo Tempo

---

Passa não passa estilhaça  
o tempo que se contesta  
Como casca em rodopio  
no cerne de uma floresta  
Nos promontórios de luz  
mora a sombra nos terraços  
Mas o tempo não se inquieta  
vai e vem nos mesmos passos  
E no presente em aberto  
a verdade nos atira  
E amanhã com o mesmo rosto  
declara-nos a mentira  
Acende-nos a memória  
na rotação de um momento  
Mas na volta da passagem  
lembra-nos o esquecimento  
Das coisas Da existência  
do que ao certo nos consome  
E o vislumbre do abismo  
é um impropério sem nome  
E cada vez que julgamos  
que o tempo pode arrumar-se  
Ele cobrará o julgamento  
sem uma ruga ou disfarce  
E sobre nós quantas vezes  
lança o pasmo de um deserto  
Que faz emergir a dúvida  
no que tínhamos por certo  
E por mais tempo que tenhamos  
nunca chegámos a tempo  
de decifrar o enigma  
que há no seu comportamento

Mas o tempo é também mestre  
e vai-nos dando lições  
em assuntos triviais



em matéria de ilusões  
E às vezes à nossa volta  
é uma insolvente muralha  
que nos defende do vulto  
da bruma que se coalha  
E quando o tempo é um baloiço  
que com tempo nos embala  
No despertar de uma praia  
no dormir de uma sala  
E por vezes é um quadro  
cheio de luz e de cor  
Que fala de um sonho místico  
e de uma história de amor  
E o tempo é também viagem  
que nos ajuda a crescer  
Que nos ensina a existir  
dentro do verbo de ser

E o tempo pode ser tudo  
até o que se não quer  
O espaço que empurra a vida  
para uma morte qualquer  
Que pode ser um suicídio  
na curva do entardecer  
o simulacro de um baque  
um motivo a esclarecer  
Ou pode ser um enfarte  
um câncer ou um acidente  
E o tempo discorre impávido  
na não morte de outra gente





## Pausa

---

Quantas sombras se entrelaçam  
neste patamar nocturno  
Quantas asas submersas  
neste silêncio soturno  
Não se podem pendurar  
lâmparas como estrelas  
Porque dedos invisíveis  
vêm logo dissolvê-las  
E toda a luz que dariam  
não a vamos conhecer  
Porque o tempo que há no tempo  
esconde-nos esse prazer  
E o que ao longe nos evoca  
ao perto não nos diz nada  
São só fileiras de pó  
e neblina estagnada  
Nenhum vento nos transporta  
nenhum ventre nos acolhe  
Porque temos que ficar  
num posto que se não escolhe  
E tudo parece pasmo  
numa pausa de abandono

Será prenúncio de morte  
ou só prelúdio de sono

## ÍNDICE

Prefácio.....	4
Meu amor.....	5
Ausência.....	6
Perdida.....	7
Quadro.....	8
Viagem.....	9
Quando.....	11
Asas.....	12
Acontece.....	13
Quem foste.....	14
Desmentido.....	16
A memória.....	17
Quem sabe.....	18
Foi Deus.....	19
Repouso.....	20
Apetecia-me hoje.....	21
Sem palavras.....	22
Corpo e alma.....	23
Anos e oceanos.....	24
Mistério.....	25
Asas caídas.....	26
Fluido.....	27
Simulacro.....	28
De novo.....	29
Rosas.....	30
Agora.....	31
Dizer(es).....	32
Era talvez amor.....	34
Digo versos.....	35
(Com) sequência.....	36
Instantâneo de mim.....	37
Estado.....	38
Elegia de outono.....	39
Canção contraditória.....	40
Forma de fome.....	42
Entre as lembranças.....	43
Circunstância.....	44
Rente à noite.....	45
Tempo tempo tempo.....	47
Pausa.....	49



Colecção

# digit@lmente

*Título:* **AS NUVENS NÃO SÃO MAIS DE ALGODÃO**  
*Autor:* **MANUELA CORREIA**

*Edição em Formato Livro:* **2000**  
*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
**para esta edição digital**

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997